

EUTOMIA
Revista de Literatura e Linguística



ISSN 1982-6850

Amosse Mucaveleⁱ

Eis tudo História

Preso a minha vinda
nas algemas da tua chegada
onde derretem granizos na porta
dos soluços obsoletos do tempo

O PARADIGMA DO AMARELO PODRE

(O esplendor da tela enxuga as cores que lacrimejam no pincel) o mar que nasce da boca do poço reclama a paternidade das cores que desfilam no céu (mar morto estremecendo as plantações do girassol. e sobretudo o cinzento caminhando em direcção às nuvens. e é aqui que o branco fica isento da podridão alimentícia dos animais ferozes. Os tigres cancelam a sua nocturna caça furtiva em detrimento da urgência de pintar as madrugadas com as ondas magnéticas das suas garras. **azul-marinho-cavalo-marinho** - cavam sulcos de fome em solos temperados de esperança para semear o sol) pois a_ enxada mata o brilho das cores espalhadas na lavoura das teias penduradas ao relento da chuva ácida a que inunda os terrenos baldios de alegria na primavera da tristeza para projectar o crescimento eléctrico das uvas)

as que desaguam nos pedregosos ramos das acácias que acariciando a isolada lata de tinta.

Ao amanhecer o papel e o fósforo queimam o silêncio das casas aninhadas pela cor amarela (ou a navalha corta os infrutíferos sonhos de um velho pincel sem dentes) pois a cor amarela é prudente na sua afamada incompetência de fazer tocar relâmpagos nos dias em riste.

sem recorrer ao amplifica-dor do vaivém do conflito homem-animal.

a dor das estrelas tem as faixas vermelhas cor de sangue como a matriz da sua vida - sempre por cima da linha divisória: aqui onde ancoram-se naufrágios do olhar mortífero da trégua.

nos remos do EQUADOR ecoa a dor na trilha da velocidade cósmica da Égua. e por fim o amarelo podre galga ao som do vento ao encontro do raiar do sol.

Autobiografia

*Queria ser uma árvore
para não fazer aniversário*
Manoel de Barros

Á Hagira Palmira, minha mãe 3 anos de eterna saú(da)de,
1969-2010

No princípio chorei de olhos fechados, no princípio atingi o clímax pelo cacho do leite que diariamente arrancava com a boca no frondoso corpo da mulher operária. E depois, comecei a habitar os saberes das montanhas e dos líquidos campos das superfícies singulares dos retratos coloridos. Hoje, tenho apenas 25 pedras atiradas no céu desta cidade. Onde vendo idades ao preço do tempo que me persegue pelas entranhas do hipotecado caminho da dor. No casco da mesma cidade jazem vários encontros, pedras vazias e rumores do mar. Nascem borboletas rastejantes nos ovos das acácias, morrem cobras voadoras em pleno decorrer do silêncio das estrelas, engolidas pelo ventre maternal. Hoje voltei a rir de saudades, a depositar lágrimas no corpo da lápide que responde pelo seu nome. Mas tenho de antemão que ela está a enganar-me, pois minha mãe já não reside nesta cidade que planta sorrisos quentes no horizonte florido de divindades. E que os colhe de forma infame sem época, nem data, nem hora, com plumas de ânsia do tamanho do Everest 43 vezes reflectidas no zoológico espelho da dor.

ⁱ **AMOSSE MUCAVELE** nasceu em Maputo a 8 de julho de 1987, vive em Maputo. É membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, onde coordena a equipe editorial da Revista Literatas-Revista de Literatura Moçambicana e Lusofóna. É colaborador do Pavilhão Literário singrando horizontes - Academia de Letras de Paraná, Jornal Coruja, Revista Eisfluencias, e outras. Organizou a antologia da Nova Poesia Moçambicana para a Revista Zunái.

* Os textos acima integram o livro inédito *A voz indecifrável das agulhas aquáticas*.